

CULTURA E SISTEMAS SIMBÓLICOS

SANDRO BARBOSA

ITAPERUNA – R.J
2018
SANDRO BARBOSA

DEDICATÓRIA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho , primeiramente á Deus , que tornou tudo possível !

Dedico também á meus pais , Basílo Da Silva Barbosa e Iricê Lamim Barbosa (in Memoriam) , que nunca desistiram de mim... sempre acreditaram em meu potencial;

Dedico á minha filha Maria Luíza e á minha esposa Ana Cláudia , meus suportes , que estão sempre ao meu lado , me apoiando e aconselhando no prosseguimento aos estudos .

Agradeço também ao Clube de Autores, editora que se esmera em dar oportunidades aos escritores .

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	PÁG 05
2 – SISTEMA DE SÍMBOLIS E CULTURAS	PÁG 06
3 – PRINCIPAIS REPRESENTANTES	PÁG 08
4 – MÉTODOS	PÁG 11
5 – RELAÇÕES A OUTROS PARADIGMAS	PÁG 13
6 – ANTROPOLOGIA SIMBÓLICA	PÁG 15
7 – A CULTURA COMO UNIVERSO SIMBÓLICO	PÁG 24
8 – SISTEMAS SIMBÓLICOS	PÁG 28
8.1 – MASSA	PÁG 30
8.2 – SOCIEDADE DE MASSA	PÁG 31
8.3 – COMUNICAÇÃO DE MASSA	PÁG 33
9 – CULTURA ,UM CONCEITO DE MASSA	PÁG 35
10 – RELIGIÃO E CONHECIMENTO	PÁG 57
11 – O PRIMITIVO E SUAS RELIGIÕES	PÁG 60
12 – LÉVY – STRAUSS	PÁG 63
13 – MITO E RELIGIÃO	PÁG 67
14 – A MENTE E AS CRENÇAS	PÁG 77
15 – A ANÁLISE DA FUNÇÃO SIMBÓLICA	PÁG 81
16 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	PÁG 114
17 – CONCLUSÃO	PÁG 116
BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS	PÁG 124

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a cultura , de um modo geral e sobre os sistemas simbólicos inseridos na mesma , é tarefa complexa , pois o assunto desdobra – se e enxerga – mo – lo na arqueologia, na psicologia, na filosofia, na pedagogia, na psicanálise...enfi,abrangendo todos os setores e todos os campos do saber humano.

Tento aqui , dar minha singela e humilde contribuição á tão fascinante tema , que , mesmo que complexo , é por demais importante para que compreendamos nossos adrões comportamentais e nossa sociedade como um todo

2- sistema de Símbolos e Cultura

Nessa vertente, a **cultura** é entendida como uma teia de significado produzida dentro um sistema compartilhado pelos membros de cada sociedade. Cada indivíduo não compreende ou representa a totalidade de uma dada cultura, mas ela é representada mediante mitos, rituais, símbolos. Em outras palavras, a cultura é um **sistema de símbolos**.

Isoladamente, algum elemento cultural, como um símbolo ou uma categoria, não faz sentido. Evans-Pritchard, que no final de sua carreira vislumbrou e antecedeu muito das ideias da antropologia simbólica e interpretativa, dizia que o ser humano era o único primata que distinguia entre água benta e H_2O . Geertz famosamente exemplifica os sentidos das piscadelas que podem ser “tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são percebidos e interpretados”.

Símbolos são veículos da cultura. O símbolo não se limita às representações pictóricas de um objeto, mas compreendem todas representações atribuídas por um grupo sociocultural. Um símbolo resulta da associação de um objeto com outro. Comportamentos, imagens, a organização social, rituais e a percepção do mundo são associados entre si, gerando significados.

Os símbolos expressam ideias, pensamento formulados e concebidos pela práxis e pela manipulação do símbolo.

Desse modo, os símbolos expressam as estruturas cognitivas da cultura.

Os símbolos possuem a propriedade de permear a vida humana, sendo polissêmicos (dotados de múltiplos significados, compreendendo significados existenciais, conceituais, objetivos, pessoais, sociais) e com diferentes sentidos para diversos atores (sentimentos, impressões, intenções, reações e aspectos emocionais e cognitivos).

Como sistema, os símbolos são construídos socialmente por um processo contínuo e são dependentes dos contextos e de outras variáveis, inclusive materiais e mesmo simbólicas. A origem dos símbolos seriam, portanto, sociais, não oriundas de processos mentais como queriam os psicanalistas ou estruturalistas.

O entendimento da significação simbólica tipicamente seria alcançado pelo exame de diferentes níveis: interpretar a significação posicional de um símbolo, ato ou fato dentro do sistema de símbolos, estabelecer seu significado operacional para no fim descrever uma significação simbólica.

Turner aponta que há significados que a própria comunidade simbólica não possui consciência, sendo possível uma interpretação étic, externa à comunidade.

Por fim, o ser humano “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como

sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. (GEERTZ, 1978, p.15).

3- Principais representantes

Clifford Geertz (1926–2006). Antropólogo americano com graduação em filosofia. Fez trabalho de campo na Indonésia e no Marrocos, sendo um dos antropólogos com maior visibilidade no final do século XX e começo do XXI. Recebeu influência de Weber, Leslie White, Clyde Kluckhohn, da filosofia da linguagem ordinária e da hermenêutica de Paul Ricoeur, para quem a mediação simbólica ocorre em qualquer ação humana, inclusive na observação da realidade social e no processo de construção da objetividade. Para Geertz a cultura não se explica pelo poder ou sistematicamente, como o direito, mas semioticamente pela interpretação e interação com o símbolo. Foi um escritor prolífico, entre suas obras estão. *Islam Observed* (1968), *A Interpretação das Culturas* (1973), *Negara. The theatre-state in Bali* (1980), *O Saber Local* (1983), *Obras e vidas* (1988), *After the fact* (1995) e *Nova Luz Sobre a Antropologia* (2000).

Victor Turner (1920 –1983). Antropólogo escocês que realizou trabalho de campo na África austral com sua esposa Edith Turner e depois se radicaram nos Estados Unidos. Inicialmente um poeta e classicista que se fascinou pela antropologia. Teve influências de Durkheim, Van Gennep, Gluckman, Leach e do transacionalismo. Depois da experiência de campo, converteu-se com sua esposa ao catolicismo.

Durante sua pesquisa entre os ndembu na Zâmbia, percebeu-se que a organização social deles era muito instável para descrever etnograficamente com segurança: as pessoas trocavam de filiações, alianças e vínculos com famílias, facções e aldeias com muita frequência. Todavia, ainda se mantinham com um grupo coeso. Descobriu que a continuidade da vida ndembu era garantida por rituais que resumiam os valores comuns. Enfatizou a ruptura e continuidade na organização social e no mundo dos símbolos. Autor de *a Floresta dos símbolos* (1967) e *O processo ritual* (1978).

Edith Turner (1921–2016). Antropóloga britânica. Junto de seu marido foi inicialmente influenciada pela Escola de Manchester, marxismo e estruturalismo, desenvolveu sua própria abordagem, valorizando o ritual, processo de cura e a constituição da *comunitas*. Mãe do neurocientista Robert Turner, do poeta Frederick Turner e do antropólogo Rory Turner.

Mary Douglas (1921 –2007). Antropóloga britânica que fez investigações na África austral. Recebeu influência de Durkheim, Evans-Pritchard e Lévi-Strauss. Formulou a teoria cultural do risco, pela qual as pessoas reforçam as estruturas sociais por meio de símbolos, rejeitando alternativas culturalmente possíveis, mas simbolicamente indesejáveis. Fez análises entre o sagrado/puro e o profano/impuro em obras como *Pureza e perigo* (1966), *Símbolos naturais* (1970), *Levítico como literatura* (1999).

David Schneider (1918 –1995). Antropólogo americano ligado a Berkeley e a Chicago. Concilia ideias do estruturalismo e da antropologia interpretativa ao investigar as concepções de parentesco. Autor de *American Kinship: A Cultural Account* (1980)

Dan Sperber (n.1942). Antropólogo francês inicialmente influenciado pelo estruturalismo. Aproveita conceitos, mas não poupa críticas, a Lévi-Strauss, Turner e Geertz. Investiga o lado epistemológico ou cognitivo de como as pessoas interpretam a realidade objetiva. Não aceita como uma verdade geral e tácita a correlação entre cultura interpretada ou simbolismo e o comportamento social, pois pode haver comportamento sem explicações nativas. Autor de *Rethinking Symbolism* (1975) .

4- Métodos

A antropologia simbólica emprega a metodologia vigente na antropologia, ou seja, usa-se desde abordagens quantitativas até qualitativas, mas distingue-se nas fases analíticas. Seus diferentes autores possuem estratégias com focos diversos para a análise antropológica.

Turners: abordagem simbólica pela investigação da performance que ocorre meio a um drama socialmente encenado.

Geertz: abordagem interpretativa mediante a descrição densa – consideração do contexto e das interpretações sociais – em um processo hermenêutico. Para Geertz a separação das atividades do antropólogo entre etnografia (coletar dados) e etnologia (interpretar dados) não fazia sentido: ao registrar dados em um trabalho de campo, o antropólogo escolhe quais fatos e como são interpretados.

Douglas: abordagem simbólica estrutural, especialmente pela distinção entre grupo e matriz (group and grid).

Sperber: abordagem pragmática e cognitiva.

Etnografia: decifrar a cultura, especialmente por meio da “descrição densa” (Geertz) ou da análise do processo ritual e da importância dos símbolos para guiar a vida social (Turner).